



Do Evangelho de S. João

Jesus foi para o Monte das Oliveiras. Mas de manhã cedo, apareceu outra vez no templo e todo o povo se aproximou d'Ele. Então sentou-Se e começou a ensinar. Os escribas e os fariseus apresentaram a Jesus uma mulher surpreendida em adultério, colocaram-na no meio dos presentes e disseram a Jesus: «Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante adultério. Na Lei, Moisés mandou-nos apedrejar tais mulheres. Tu que dizes?». Falavam assim para Lhe armarem uma cilada e terem pretexto para O acusar. Mas Jesus inclinou-Se e começou a escrever com o dedo no chão. Como persistiam em interrogá-l'O, Ele ergueu-Se e disse-lhes: «Quem de entre vós estiver sem pecado atire a primeira pedra». Inclinou-Se novamente e continuou a escrever no chão. Eles, porém, quando ouviram tais palavras, foram saindo um após outro, a começar pelos mais velhos, e ficou só Jesus e a mulher, que estava no meio. Jesus ergueu-Se e disse-lhe: «Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?». Ela respondeu: «Ninguém, Senhor». Jesus acrescentou: «Também Eu não te condeno. Vai e não tornes a pecar».

Leituras bíblicas deste dia:

1ª leitura: Daniel 13, 41c-62

Salmo Responsorial: Salmo 22 (23)

Evangelho: João 8, 1-11

A confissão é a passagem da miséria à misericórdia

O Papa Francisco usou a interpretação de Santo Agostinho para comentar a passagem do Evangelho desta mulher: no final “ficaram apenas eles os dois: a *mísera* e a *misericórdia*”. Os que vieram para atirar pedras contra ela ou para acusar Jesus foram-se embora. E Jesus ficou porque lá estava “o que era precioso aos seus olhos: aquela mulher, aquela pessoa”.

1. Antes do pecado, o pecador:

Com Jesus, misericórdia de Deus encarnada, Francisco realçou que chegou o momento de dar uma esperança segura à miséria humana: “dar, não tanto leis externas que muitas vezes deixam Deus e o homem distantes, mas a lei do Espírito, que entra no coração e o liberta”.

“Para Jesus, antes do pecado, vem o pecador. No coração de Deus, eu, tu, cada um de nós vem em primeiro lugar; vem antes dos erros, das normas, dos juízos e das nossas quedas. Peçamos a graça de um olhar semelhante ao de Jesus; peçamos para ter o enquadramento cristão da vida: nele, antes do pecado, olhamos com amor o pecador.”

2. Confissão, miséria e misericórdia:

Francisco lembrou que é Jesus, com a força do Espírito Santo, que nos liberta do mal que temos dentro de nós, mas que, mesmo assim, o pecado é um mal forte e com poder sedutor que atrai: “Para se desprender do pecado, não basta o nosso esforço, é preciso um amor maior. Sem Deus, não se pode vencer o mal: só o amor d'Ele eleva por dentro; só a sua ternura, derramada no coração, é que torna livre.”

> “Se queremos a libertação do mal, temos de dar espaço ao Senhor, que perdoa e cura. A Confissão é a passagem da miséria à misericórdia, é a escrita de Deus no coração. Sempre que nos abeiramos da confissão, lemos que somos preciosos aos olhos de Deus, que Ele é Pai e nos ama mais de quanto nos amamos a nós mesmos.”

3. O perdão é um novo começo:

O Papa Francisco lembrou também a solidão, como a falta de motivação para recomeçar, e indicou o perdão “arreatador de Deus” que recebemos no Batismo, como a força para renascer. “O perdão proporciona-nos um novo começo, torna-nos criaturas novas, faz-nos palpar a vida nova. O perdão de Deus não é uma fotocópia que se reproduz idêntica em cada passagem pelo confessionário. Receber o perdão dos pecados, através do sacerdote, é uma experiência sempre nova, original e inimitável!”

4. E o medo da Confissão?

Francisco convidou a superar o medo da Confissão dando ênfase à misericórdia e não às misérias, recordar a ternura, saborear a paz e experimentar a liberdade: “De facto, isto é o coração da Confissão: não os pecados que dizemos, mas o amor divino que recebemos e do qual sempre precisamos. Entretanto há ainda uma dúvida que nos pode vir: «Não vale a pena confessar-me! Volto sempre aos pecados habituais». Mas o Senhor conhece-nos, sabe que a luta interior é difícil, sabe que somos fracos e propensos a cair muitas vezes reincidentes na prática do mal. Então, propõe-nos começar a sermos reincidentes no bem, no pedido de misericórdia. Será Ele a nos erguer, fazendo de nós criaturas novas.”

Papa Francisco, Basílica de S. Pedro, 29.03.2019

Indulgência plenária neste tempo de pandemia

A Penitenciaria Apostólica da Santa Sé, emitiu um decreto em que se concede a indulgência plenária aos doentes infectados com o coronavírus covid-19, aos que cuidam deles e a todos os fiéis do mundo que rezam pelos mesmos.

Para obter a Indulgência plenária, os doentes deste coronavírus, os que estão em quarentena, os profissionais de saúde e familiares que se expõem ao risco de contágio para ajudar quem foi infectado pelo Covid-19, podem “recitar o Credo, o Pai-nosso e uma oração a Maria”.

Os outros católicos poderão escolher entre várias opções: visitar o Santíssimo Sacramento, fazer a adoração eucarística ou ler as Sagradas Escrituras por pelo menos meia hora, ou rezar o Terço, a Via-Sacra ou o Terço da Divina Misericórdia, pedindo Deus, o fim da epidemia, o alívio para os doentes e a salvação eterna daqueles a quem o Senhor chamou a si.

A indulgência plenária também pode ser obtida pelos fiéis que, no momento de morte, não tiveram a possibilidade de receber o Sacramento da Unção dos Enfermos e do Viático: neste caso, recomenda-se o uso do crucifixo ou da cruz.

A indulgência é definida no Código de Direito Canónico (cf. cân. 992) e no Catecismo da Igreja Católica (n.º 1471) como “a remissão, perante Deus, da pena temporal devida aos pecados cuja culpa já foi apagada”, que o fiel obtém em “certas e determinadas condições pela ação da Igreja”.